

HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Da Carta de Caminha aos contemporâneos

Copyright © Carlos Nejar, 2011

Diretor editorial PASCOAL SOTO

Coordenação editorial TAINY BISPO

Revisão (1ª etapa) GABRIELE KAYSER, FLÁVIA YACUBIAN E GUILHERME KROLL
Revisão (2ª etapa) HEBE LUCAS, DEBORAH TAMAYOSE, HENRIQUE SZOLNOKY
E ELIVRA CASTANON

Pesquisas bibliográficas FLÁVIA YACUBIAN, GUILHERME KROLL E HEBE LUCAS

Coordenação de produção CAROCHINHA EDITORIAL

Capa, projeto gráfico e diagramação AMANDA DAFOE | RICO LINS STUDIO



MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura

Juca Ferreira

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidente

Mauriz Sodré de Araújo Cabral

Diretora Executiva

Célia Portella

Coordenador-Geral de Pesquisa e Editoração

Oscar Manoel da Costa Gonçalves

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP-Brasil)
Ficha catalográfica elaborada por Oficina Mirante, RJ, Brasil.

N417 Nejar, Carlos, 1939.

História da literatura brasileira : da Carta de Caminha aos
contemporâneos / Carlos Nejar - São Paulo : Leya, 2011.
1104 p. : Il.

Inclui bibliografia e índice onomástico.

ISBN 978-85-62936-65-4

1. Literatura brasileira - história e crítica. 2. Literatura
brasileira. I. Título.

10-0041

CDD 8469.09

Todos os direitos desta edição reservados à

TEXTOS EDITORES LTDA.

[Uma editora do grupo Leya]

Av. Angélica, 2163 - Conjunto 175

01227-200 - Santa Cecília - São Paulo, SP - Brasil

www.leya.com

Para Elza, que me deu um pouco do seu tempo,
muito de seu amor para eu poder escrever esta história.

A Pedro Paulo de Sena Madureira, poeta/editor,
a quem devo o bom conselho de ampliar este livro.

E ao embaixador-escritor Raul de Taunay, meu amigo.

A herança (1951); *Muro-amarelo* (1965); *Armadura de amor* (1965); *Praça da insônia* (1968); *O pombo apunhalado* (1968); *Antologia poética* (1971); *Campo de flechas* (1978). Editou o romance *Figueira maldita* (1961), entre outros volumes de crônicas, biografia e contos. Sua poesia não se vinculou ao formalismo parnasiano. Utilizou em regra o poema longo, com ritmos largos e um carregado prosaísmo, que fez com que, às vezes, suas imagens, as mais belas, sumissem na voragem verbal. Misturando, ali, achados preciosos, intuições que brilham pela profundidade, originalidade, apesar das adjetivações ou certas metáforas gastas. Mais tarde, realizou poesia em prosa, para não dizer *mais prosa que poesia*. Por não discernir entre o valioso e o vil, o rapto do encantamento. Não era apenas uma *ganga impura*, mas um arrolar caótico de signos, em *Campo de flechas* (1978). O entupimento de vocábulos e símbolos tende a impedir que os de polido filtro subam à tona e sejam sorvidos. Cabendo ser seguida a lição de Novalis: “Tudo é magia, ou nada”. Quando, porém, o poeta conseguiu conter-se, numa volta à infância, realizou seus melhores livros. Como *Muro-amarelo* (1965), com sua simplicidade quase infantil, mais perto de Oswald, comovendo pela beleza e pungência, quando o menino é o senhor do homem. Ou os poemas, com lances ou clarões (“o clarão dentro do raio”), entre êxtase, amor gorjeante e ferido, arremessam imagens como rútilas pedras, assumindo vida própria dentro do texto, como se o mais desaparecesse, ou fosse mero suporte. Menciono dois outros livros (de um só canto) – *Armadura de amor* (1965) e *O pombo apunhalado* (1968). Com a arte de atravessar as águas na luz.

Ives Gandra da Silva Martins

Nascido em São Paulo, a 2 de fevereiro de 1935, jurista renomado, surgiu como poeta em 1956, através de *Pelos caminhos do silêncio*. É da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia. Editou sua obra depois de 1983, na qual se realça a antologia *Navegantes*

pelo espaço (2001). E em sua poesia, tempo e espaço são obsessões: um que amplia, outro que restringe. O cientista do Direito procura estruturar matematicamente nos sonetos os versos (espaço). E eles irrompem as lindes (é o tempo) e se desequilibram de amor, salvos pelos ritmos e mitos que se enlaçam, entre imagens encantatórias. “Por teus olhos cor de musgo [...] Onde adormecidas boiam/ As ferrugens dos portões//”² Ou “Por mais veloz que seja, é sempre lasso/ o movimento etéreo deste mito//”³ O tom oral de seu processo criador faz retornar “à origem da poesia; a palavra falada” (Octavio Paz). Assim, certos poemas de Ives são para serem lidos em voz alta. Como se a sonoridade ou a fala trouxessem o sortilegio atrás da porta dos símbolos. Em seu *Intemporal espaço*,⁴ menciona: “A falta de sino”, “o trinar das rimas”, “caválos” e “sempre”. Ainda que construa com elementos da poética tradicional, o poema há de fugir da alfândega, como *ser vivo*. Seguindo o poeta outra legislação, a dos sonhos. Escutando a voz dos versos, como a dos tambores de primitivos povos. Ou os primitivos povos do silêncio e do mito que a linguagem (des)vela. E só a poesia lê, não a escuridão da lei.